

# Práticas reflexivas em blogs de ciência escritos por cientistas

## *Reflexive practices in science blogs written by scientists*

■ NATÁLIA FLORES<sup>a</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes e Letras, Curso de Jornalismo. Pelotas – RS, Brasil

### RESUMO

Investigamos a configuração discursiva de blogs de divulgação científica escritos por cientistas. Partindo do aporte de Foucault e Maingueneau, analisamos os enunciados de 1.329 posts de 43 blogs, identificando suas formações discursivas (FD). Identificamos enunciados que se inscrevem na FD da reflexividade constituindo: modalidades de enunciação de falar de si, falar da instituição científica e falar da ciência e funções-sujeito de Cientista-blogueiro-protagonista, que posiciona o enunciador como personagem do enunciado, e de Cientista-blogueiro-comentador, que o legitima a opinar sobre a prática científica. Os blogs moldam-se como espaços de reflexividade para o cientista e reiteram sua posição de guardião do discurso sobre a ciência.

**Palavras-chave:** Divulgação científica, reflexividade, discurso, blogs de ciência

### ABSTRACT

We investigate the discursive configuration of science communication blogs written by scientists. From the theoretical perspective of Foucault and Maingueneau, we analyze the enunciations of 1,329 posts from 43 science blogs, identifying their discursive formations. We identified enunciations of the discursive formation of reflexivity. They constitute modalities of enunciation to talk about themselves, science institution and science and subject roles of scientist blogger protagonist, positioning the enunciator as a character of the enunciation, and as Scientist blogger commentator that enables him to give his opinion on scientific practice. Blogs become spaces of reflexivity for scientists and reiterate his social position of guardian of science discourse.

**Keywords:** Science communication, reflexivity, discourse, science blogs

<sup>a</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (2016). Pós-Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9687-9686>. E-mail: [nataliflores@gmail.com](mailto:nataliflores@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A BLOGAGEM OU PRÁTICA de escrita em blogs já se consolidou como uma prática social acadêmica há algum tempo, sendo utilizada por pesquisadores e alunos de pós-graduação para fins educacionais, profissionais, científicos, entre outros. Neste universo, existe um crescimento nos últimos anos do uso de blogs de divulgação científica, criados e mantidos independentemente por cientistas. Agrupados em condomínios como o *ScienceBlogs Brasil*, esses blogs tornam-se dispositivos interessantes para se comunicar ciência ao público não cientista, junto com outras mídias sociais digitais, como Twitter, Facebook e YouTube. Cria-se o que podemos denominar de ambiência de divulgação científica, por meio da congregação de conteúdos de ciência de diversas plataformas na internet.

Mais do que um ambiente de divulgação científica, os blogs se tornaram espaços de exposição e construção de si para os cientistas cujos contornos diferenciam-se dos espaços discursivos formais destinados a esses sujeitos. Em seu estudo, Vanessa Fagundes (2013) pontua que o surgimento de blogs de pesquisadores está vinculado ao contexto de transformações na comunidade científica, em que o discurso empreendedor ganha espaço no meio acadêmico devido ao estreitamento das relações entre mercado, ciência e tecnologia. Em um ambiente moldado pelos valores de competitividade, performance e sucesso, os cientistas assumem o papel estratégico de comunicadores de ciência para se promoverem. Resta compreender como esses processos de promoção de si são discursivizados.

Partindo desta perspectiva, neste artigo analisamos a configuração discursiva de blogs de divulgação científica escritos por cientistas. O trabalho apresenta resultados da minha pesquisa de doutorado, detendo-se na investigação das formações discursivas (FD) que compõem a materialidade destes discursos. Partimos, especificamente, da noção de FD trabalhada por Foucault (1969, 1971) e operacionalizada por Dominique Maingueneau (2011) no quadro da Análise do discurso (AD), quando aborda a diferença entre as unidades tópicas e não tópicas da linguagem. Nosso gesto interpretativo debruça-se sobre um *corpus* previamente categorizado de 1.329 posts de 43 blogs escritos por cientistas, selecionados no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2013 (Gomes; Flores, 2016). Além do aporte empírico, nossa interpretação respalda-se nos estudos de Anthony Giddens (1990, 1991), sobre reflexividade na modernidade; Baudouin Jurdant (2006a, 2006b), sobre reflexividade nas ciências; e Laurence Allard (2009), sobre individualismo reflexivo nas mídias sociais.

## PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA: O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA

A formação discursiva tornou-se, progressivamente, um dos conceitos centrais da Análise de discurso praticada no Brasil e na França a partir de 1960. Há um consenso entre os estudiosos do discurso de que a noção possui uma dupla paternidade, pois foi elaborada por Foucault para depois ser retrabalhada por Michel Pêcheux (1997) à luz do conceito de ideologia, no quadro da AD<sup>1</sup>. As abordagens dadas ao conceito pelos dois pesquisadores possuem suas diferenças que mantêm relação com a base teórica utilizada por eles e com os objetos empíricos analisados. Por questões de afinidade teórica, observadas tanto na nossa concepção de discurso quanto no objeto de pesquisa analisado, optamos por utilizar a noção de FD desenvolvida por Foucault.

Essa noção é conceituada pelo autor em seu livro *L'archéologie du savoir*, numa tentativa de explicitar e descrever o seu método arqueológico, utilizado em estudos anteriores sobre a constituição dos saberes e ciências em dada conjuntura histórica. Nesse primeiro momento, temos a seguinte elaboração do conceito:

No caso em que pudermos descrever, entre um certo número de enunciados, um certo sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando assim palavras demasiadas carregadas de condições e consequências, inadequadas para designar semelhante dispersão, como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria” ou “domínio de objetividade”. (Foucault, 1969: 53)<sup>2</sup>

Interessa a Foucault compreender as condições que levam determinados objetos a surgirem e serem legitimados numa época específica. O seu conceito de FD remete a um sistema de regularidades e dispersões que regem discursos historicamente dispersos. Essa abordagem possibilita ao teórico escapar de conceituações consideradas por ele como totalitárias e unitárias, como ideologia e teoria, para tentar compreender a constituição dos objetos discursivos a partir de heterogeneidades e da dispersão do seu sistema. Assim, antes de ser um progresso linear de acontecimentos, a história se constrói a partir de descontinuidades, em uma dinâmica temporal que lhe é própria na formação de seus objetos discursivos.

Aqui, convém destacar que os fragmentos que constituem uma FD não remetem ao nível das frases e seus traços gramaticais, nem aos níveis das proposições e seus traços lógicos, de formulações e psicológicos. Antes de ter uma coerência sintática/semântica, formal ou de consciência, a formação relaciona-se

<sup>1</sup> A noção de formação discursiva trabalhada por Pêcheux possui influência direta do materialismo histórico e da luta de classes. Sob a lente althusseriana, o teórico vincula a noção à ideologia, definindo-a como elemento que determina “o que pode ser dito (articulado sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (Pêcheux; Haroche; Henry, 2011: 27).

<sup>2</sup> No original: “Dans le cas où on pourrait décrire, entre un certain nombre d'énoncés, un pareil système de dispersion, dans le cas où entre les objets, les types d'énonciation, les concepts, les choix thématiques, on pourrait définir une régularité (un ordre, des corrélations, des positions et fonctionnements, des transformations), on dira, par convention, qu'on a affaire à une formation discursive – évitant ainsi des mots trop lourds de conditions et de conséquences, inadéquats d'ailleurs pour désigner une pareille dispersion, comme 'science', ou 'idéologie', ou 'théorie', ou 'domaine d'objectivité'”. Esta e demais traduções da autora.

ao que Foucault (1969) nomeia de *conjunto de performances verbais ligados entre si no nível dos enunciados*. Estes últimos são elementos constituídos na relação entre objeto discursivo, sujeito e campo discursivo associado, ganhando existência em materialidades físicas. O processo dá ao enunciado um caráter de reprodutibilidade, que sobrevive temporalmente a partir da sua reutilização em circunstâncias históricas distintas.

Foucault (1969) ressalta o esforço do analista em investigar as regras de formação dos discursos, que não estão postas numa unidade dada *a priori*. Trata-se de empreender uma análise arqueológica que possibilite a ele enxergar nos regimes de dispersão no tempo as formas de regularidade e ordem que regem os discursos. São essas regularidades – nomeadas por ele de regras de formação e que se referem aos objetos, às modalidades de enunciação, aos conceitos e às escolhas temáticas – que formam as condições de existência de um enunciado e são responsáveis por dar unidade a uma formação discursiva. Trata-se, segundo ele, de estabelecer a positividade de um discurso.

Partindo da perspectiva foucaultiana, podemos resumir a noção de FD como um *sistema de regras que conformam os enunciados, as funções-sujeito que devem ser ocupadas e os objetos discursivos em determinado contexto*. Esse sistema seria marcado pela contradição, heterogeneidade e dispersão histórica, que o coloca em contato com o interdiscurso, discursos-outros que lhe são precedentes. Parte-se, assim, do princípio de que o discurso se constrói historicamente por meio de um movimento de reiteração/transformação de já-ditos e de apagamento/esquecimento de outros-ditos. Ele viria, então, inevitavelmente relacionado ao poder e ao saber, pois constitui seus objetos a partir de procedimentos de seleção e exclusão.

As reflexões teóricas de Foucault e seu método arqueológico inspiraram a formação do campo de estudos da AD francesa, a partir da década de 1960, cujo objeto de estudo é a exterioridade discursiva dos objetos linguísticos. Trata-se, de maneira geral, de abordar o objeto a partir da ideia de que a realidade é constituída por meio de regras discursivas de formação que definem o que é da ordem do discurso e o que não lhe pertence. O modo de apreensão desse funcionamento discursivo implica compreender que o estudo das formações discursivas parte da análise da linguagem e de suas marcas textuais-discursivas, estendendo-se à sua exterioridade.

Com o objetivo de explicitar a relação existente entre marca textual e o exterior (o discurso), Maingueneau (2011) reflete sobre a natureza operativa das unidades trabalhadas pelos analistas do discurso, entre elas, a de FD. Ele categoriza-as em: *unidades tópicas* e *unidades não tópicas*. Enquanto as unidades tópicas se referem a elementos já pré-formatados pelas práticas verbais (como os tipos e gêneros de discurso), as unidades não tópicas, que teriam as FD como representantes, seriam

construídas pelos pesquisadores a partir da interpretação do *corpus* de trabalho. Para o pesquisador, a existência da AD se baseia nas unidades tópicas, mas também em movimentos que ultrapassam suas fronteiras. Assim,

Encerrar a análise do discurso sobre as únicas unidades territoriais, isso seria denegar (no sentido psicanalítico) a realidade do discurso, que é posta em relação permanente pelo discurso e pelo interdiscurso: o interdiscurso “trabalha” o discurso, que em retorno redistribui perpetuamente esse interdiscurso que o domina. É dessa clausura impossível que me parece testemunhar a persistência da noção de formação discursiva: se não houvesse agrupamentos de enunciados circunscritos por fronteiras, não haveria análise do discurso, a qual não saberia, contudo, se satisfazer com essas unidades. (Ibid.: 73)

As unidades não tópicas seriam constituídas por meio de um movimento de interpretação do analista, que localiza os percursos e formações discursivas no discurso analisado. Essas formações moldam o dizível em dada conjuntura histórica e vinculam os discursos ao seu fio histórico de dizeres. A partir desta visada, na próxima seção passamos a observar as FD nas quais os discursos dos blogs escritos por pesquisadores se inscrevem.

### ANÁLISE DO CORPUS: A FD DA REFLEXIVIDADE

Operacionalizamos a análise das formações discursivas em um *corpus* de 1.329 posts de 43 blogs de divulgação científica escritos por cientistas cujo conteúdo já havia sido categorizado em estudo anterior (veja Gomes; Flores, 2016). Nosso gesto interpretativo respaldou-se, justamente, nos resultados dessa categorização, que localizou duas categorias enunciativas: a do Cientista-blogueiro-divulgador (A), em que o enunciador ocupa lugar secundário na narrativa, utilizando estratégias de distanciamento (presente em 25% do *corpus*), e de Cientista-blogueiro-protagonista (B), presente em 75% do *corpus*, no qual o enunciador ocupa lugar central no discurso, utilizando estratégias de envolvimento (Ibid.).

O papel de protagonismo assumido pelo blogueiro na maioria dos textos analisados e a própria natureza enunciativa do discurso da blogagem, que possibilita um falar de si generalizado, permitiram identificarmos enunciados nos blogs que se inscrevem no que nomeamos de FD da reflexividade. A nosso ver, essa formação conforma dizeres específicos dos blogs que os diferenciam dos enunciados do discurso científico também assumidos por cientistas, no qual predomina o apagamento da atribuição de autoria (Foucault, 1971). Por essa razão, escolhemos explorá-la no nosso gesto interpretativo.

Para os estudos foucaultianos, uma das principais características de uma FD consiste na lógica da repetição de seus enunciados, que faz que o discurso resgate fragmentos que lhe são historicamente anteriores, dispersos na lógica temporal de determinada FD. Nesse sentido, circunscrever a FD da reflexividade significa compreender que ela possui uma lógica que nos permite explicar sua emergência e dispersão nos objetos discursivos da cultura contemporânea. Relacionamos sua lógica a uma vontade de *refletir sobre si mesmo* construída paulatinamente pelas práticas discursivas da nossa sociedade. Construimos nosso olhar a partir dos escritos de Giddens (1990, 1991), Jurdant (2006a, 2006b) e Allard (2009) cujos tratamentos do tema de reflexividade nos interessam substancialmente para desenvolver um olhar sobre o cientista e sua prática reflexiva na internet. Explicitamos seus eixos teóricos, brevemente, a seguir.

A prática da reflexividade consolida-se como elemento social de referência a partir da modernidade. Segundo nos mostra Giddens (1990), nesse período, a reflexividade aparece como uma prática de avaliação das ações à luz de outros conhecimentos, estendendo-se para todos os setores sociais. O molde reflexivo das instituições sociais modernas acabou por afetar também as práticas individuais cotidianas dos indivíduos. O exercício de refletir sobre si mesmo, definindo *quem somos* e projetando *quem queremos ser* mostra-nos como a construção das subjetividades contemporâneas se dá por meio do paradigma moderno da reflexividade. Esse processo, chamado por Giddens de individualização reflexiva, transforma o *self* em um projeto reflexivo de responsabilidade do indivíduo (Giddens, 1991).

A produção da identidade do indivíduo contemporâneo se faz segundo a sua capacidade de construir narrativas coerentes de si mesmo (Giddens, 1990). Baudouin Jurdant (2006a) vai nessa direção ao associar a noção de reflexividade ao uso que o sujeito faz da língua ao se expressar. Antes de ser uma simples modalidade de tomada de consciência ou de apropriação por reflexão, ela remete ao *uso da fala* e constitui-se num efeito de clivagem do sujeito falante. Esse processo é explicado pelo pesquisador:

Essa divisão se refere ao fato de que o “sujeito da enunciação”, o sujeito “falante”, e o “sujeito do enunciado”, o sujeito “falado pela fala” designam, no mesmo momento – aqui e agora – de tomada da palavra e, apesar da não coincidência dessas duas faces indissociáveis do sujeito, uma mesma entidade linguística: o sujeito precisamente. Ao mesmo tempo onde, em nome das intenções que me inspiram, eu me constituo como portador da fala me expressando, essa fala me constitui como falado por ela e diferente, é claro, daquilo que eu creio ser quando eu tomo a palavra. Em outras palavras, a fala faz com que algo me escape disso que eu sou como falante. Ela me

confronta com uma alteridade presente na consciência que eu tenho de eu-mesmo e da fala que me constitui como sujeito. (Jurdant, 2006a: 132)<sup>3</sup>

A perspectiva de Jurdant aproxima-se dos estudos linguísticos ao abordar a situação de enunciação como o momento exato no qual ocorre o processo reflexivo, quando há a coincidência entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Há um processo dialético na constituição desse sujeito falante, que se transforma em objeto da sua enunciação ao falar sobre si mesmo. O segundo ponto que acentuamos é a ênfase dada pelo pesquisador à relação entre reflexividade e alteridade, desvinculando a primeira de uma simples tomada de consciência sobre si. Nesse sentido, o processo reflexivo traz elementos vinculados a uma *não identidade do sujeito*, que escapam do seu controle sobre a imagem que ele tem de si mesmo. O funcionamento da reflexividade se daria, então, por meio da relação com o outro, que faz que o sujeito reflita sobre a sua identidade, separando os elementos que o definem daqueles que não lhe pertencem.

Moldada em relação ao outro, a reflexão e escrita sobre si conforma-se em variadas modalidades de enunciação na contemporaneidade, que vão desde a escrita intimista em diários pessoais até perfis em mídias sociais. Devido ao contexto social e cultural no qual os blogs estudados estão imersos, interessa-nos dar destaque ao modo como as tecnologias digitais conformam esses modos de enunciação e subjetivação. Laurence Allard (2009) estuda esse cenário a partir de um viés sociológico, analisando a geração de nativos digitais franceses e a performance de suas identidades na rede. Para ela, ao proporcionar uma capacidade de agir ao usuário, as tecnologias de comunicação da internet respondem ao desejo desse sujeito de se expressar e construir sua subjetividade. Elas seriam, então, um lugar privilegiado para se observar o conceito sociológico de *individualismo reflexivo* em ação. Assim,

Se exprimindo pela Internet via fóruns de discussão, blogs, mídias sociais criando pequenos objetos expressivos multimídia como vídeos, fotos, *playlists*, os indivíduos têm a possibilidade de estilizar isso que ele pensa ou gostaria de ser, de expor e, em troca, de esperar formas de validação intersubjetiva e de reconhecimento pelos outros do caráter autêntico dessa bricolagem “estético-identitária” que representa um perfil do Facebook, um post de blog etc. (Ibid.: 68)<sup>4</sup>

A escolha de Allard por utilizar o conceito de individualismo reflexivo para pensar o modo como se produzem as expressões de si na web mostra-se fundamental para articular a produção de subjetividades na rede a uma possível reflexividade por parte de seus usuários. Pensadas nesse contexto, as práticas sociais

<sup>3</sup> No original: “Ce clivage renvoie au fait que le ‘sujet de l’énonciation’, le sujet ‘parlant la parole’, et le ‘sujet de l’énoncé’, le sujet ‘parlé par la parole’, désignent, à l’instant même – hic et nunc – de la prise de parole et malgré la non-coïncidence de ces deux ‘faces’ indissociables du sujet, une même entité langagière: le sujet précisément. Au moment même où, au nom des intentions qui m’animent, je me constitue comme porteur de la parole en la parlant, cette parole me constitue comme parlé par elle et différent, bien entendu, de ce que je crois être quand je prends la parole. Autrement dit, la parole fait que quelque chose m’échappe de ce que je suis en tant que parlant. Elle me confronte à une alterité qui habite la conscience que j’ai de moi-même et de la parole qui me constitue comme sujet?”.

<sup>4</sup> No original: “En s’exprimant sur Internet via les forums, les blogs, les médias sociaux tout en créant de petits objets expressifs multimédias comme les vidéos, les photos, les playlists, les individus ont la possibilité de styliser celle ou celui qu’il pense ou voudrait être, de l’exposer et en retour d’espérer des formes de validation intersubjective et de reconnaissance par autrui du caractère authentique de ce bricolage ‘esthétique-identitaire’ que représente un profil sur Facebook, un billet de blog etc.”.

<sup>5</sup> No original: “l’individu contemporain peut expérimenter et explorer les réponses plurielles à la question «Qui suis-je?» à un moment où les réponses ne sont plus disponibles”.

desempenhadas pelos jovens nos dispositivos tecnológicos seriam modos do “indivíduo contemporâneo experimentar e explorar as respostas plurais à questão ‘Quem sou eu?’ em um momento onde as respostas feitas não são mais disponíveis”<sup>5</sup> (Ibid.: 68). Nesse sentido, a constituição do *self* na rede adquire caráter de prática reflexiva ao possibilitar ao sujeito refletir sobre sua própria constituição identitária. Essa identidade é constituída na rede a partir da relação com a alteridade, já que as mídias sociais fazem emergir práticas expressivistas na rede.

A partir desse arcabouço contextual, nosso esforço interpretativo permite construir alguns feixes de relação entre o individualismo reflexivo contemporâneo e as lógicas discursivas dos blogs de Divulgação Científica (DC) escritos por pesquisadores. Para nós, os enunciados desses espaços são regidos pelo mesmo conjunto de regras que as práticas discursivas de exposição na web de outros blogs e mídias sociais digitais. Como veremos mais adiante, esse conjunto de regras, chamadas por nós de FD da reflexividade, rege também os discursos de Divulgação Científica, universo do qual os blogs fazem parte. Os enunciados dos blogs de divulgação científica escritos por pesquisadores se constituem, então, no entremeio entre o *Discurso de Blogagem* e o *Discurso de Divulgação Científica* (DDC) (Figura 1).

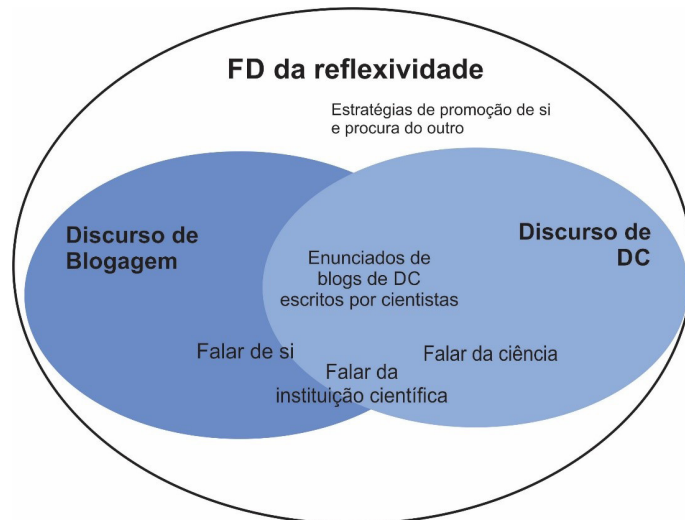


FIGURA 1 – FD da reflexividade no discurso dos blogs

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Falar da FD da reflexividade como o universo que caracteriza o nosso objeto de estudo significa entendê-la como um sistema responsável pela definição do que é da ordem dos enunciados dos blogs escritos por cientistas, assim como de



outros enunciados dos universos da blogagem e da DC. Suas regras *instauram a reflexão como elemento central de seus enunciados, posicionando o enunciador/a prática científica, a instituição científica e a ciência como objeto do seu dizer*. Como veremos ao longo do nosso texto, essa discursivização ganha contornos diversos, formatando funções-sujeito e estratégias discursivas específicas. No entanto, são suas regularidades – que remetem a uma virada reflexiva do sujeito enunciador – que possibilitam nos referirmos a ela como uma FD particular.

Observando os feixes de relações dos discursos dos blogs escritos por pesquisadores, percebemos que seu sistema organizador se conforma a partir de estratégias e modalidades enunciativas próprias a essa FD. A constituição do sujeito enunciador como objeto do seu dizer se dá por meio de uma imbricação entre as estratégias de promoção de si e de procura do outro e das modalidades enunciativas de: a) *falar de si*; b) *falar da instituição científica* e c) *falar da ciência*. Cada uma destas modalidades agrupa enunciados semelhantes quanto aos dizeres, objetos discursivos e funções-sujeito que o enunciador deve ocupar para se tornar dono do seu dizer. Essas construções discursivas possibilitam enxergarmos, por exemplo, as zonas de transformação e os deslocamentos dessa FD específica (Figura 2).



FIGURA 2 – Sistema enunciativo da FD da reflexividade nos blogs

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Como podemos observar na Figura 2, os temas e dizeres que pertencem à ordem do discurso dos blogs são determinados por diferentes níveis discursivos,

que mantêm, por sua vez, relações de interdependência entre si. Assim, as funções-sujeitos de *Cientista-blogueiro-protagonista* e *Cientista-blogueiro-comentador* são determinadas ao mesmo tempo em que determinam as modalidades de enunciação de *falar de si*, *falar da instituição científica* e *falar da ciência*, e os objetos discursivos de *enunciador*, *sistema científico* e *ciência*. Essa rede de relações determina, também, as estratégias do discurso de promoção de si e procura do outro, que incidem diretamente na conformação dos temas discursivos.

A recorrência das formas de modalização dos enunciados dos blogs de ciência em relação ao conteúdo dos posts dos blogs pode ser observada no Quadro 1. O falar de si desdobra-se nas subcategorias Agenda/vitrine, Diário e Pessoal; o falar da instituição científica, nas subcategorias de Agenda/mural e Crítica; enquanto o falar da ciência abrange a subcategoria de Matéria de DC.

Modalidades de enunciação	Subcategorias	Objeto discursivo	Função-sujeito
Falar de si	<b>Agenda/vitrine</b> [Dar visibilidade ao cientista-blogueiro ou a seu grupo de pesquisa]	Enunciador Prática científica	Cientista-blogueiro-protagonista
	<b>Diário</b> [Refletir sobre a vida em laboratório e outras questões relacionadas à prática científica ou à ciência]		
	<b>Pessoal</b> [Refletir sobre a vida pessoal e outros assuntos não científicos]		
Falar da instituição científica	<b>Agenda/mural</b> [Anunciar eventos científicos ou clipping de notícias. Fornecer dicas aos pesquisadores]	Instituição científica e sistema científico	Cientista-blogueiro-divulgador
	<b>Crítica</b> [Crítico o sistema científico, educativo ou as pesquisas]		Cientista-blogueiro-protagonista
Falar da ciência	<b>Matéria de DC</b> [Divulgar pesquisas científicas e informações sobre ciência]	Ciência e seus produtos	Cientista-blogueiro-divulgador

QUADRO 1 – Modalidades de enunciação dos posts de blogs de ciência

Fonte: Elaboração própria a partir de Gomes e Flores (2016)

Na Figura 3 apresentamos um gráfico com a ocorrência das categorias falar de si, falar da instituição científica e falar da ciência nos 1.329 posts analisados. Observamos a predominância do falar de si sobre as outras duas categorias, representando 57% do *corpus* analisado em comparação aos 18% do falar da ciência e 25% do falar da instituição científica. Nas subcategorias do falar de si, ganha destaque a subcategoria Pessoal, com 34% dos posts, seguida pelas subcategorias de Diário (15%) e Agenda/vitrine (8%). As subcategorias Crítica (18%) e Matéria de DC (18%) aparecem como segunda e terceira mais frequentes, representando, ainda assim, um percentual mais baixo em relação à primeira subcategoria. Essa ocorrência mostra-nos que os blogs analisados são utilizados, prioritariamente, para compartilhamento e reflexão sobre conteúdos não científicos, para reflexão sobre o cotidiano de pesquisa, para divulgação de assuntos científicos e para crítica sobre o sistema científico e sua práxis. A utilização dos blogs como repositórios de documentos e divulgação de eventos científicos (representado pela subcategoria de Agenda/mural) aparece no *corpus* de forma secundária.

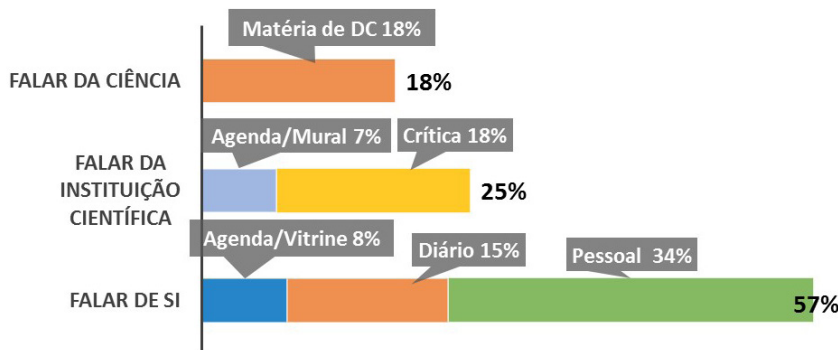


FIGURA 3 – Porcentagem de ocorrência das subcategorias e categorias no *corpus*

Fonte: Elaboração própria, 2017.

A modalidade enunciativa do *falar de si* caracteriza-se por posicionar o enunciador como centro do seu enunciado. A sua diferença em relação a outros enunciados da FD da reflexividade está no fato de formatar o cientista-blogueiro como objeto discursivo, transformando-o em personagem de sua própria narrativa. Essa configuração resgata elementos do *discurso de blogagem*, tais como a textualização de si em blogs pessoais, marcada essencialmente pela personificação daquele espaço a partir de uma narrativa que privilegia elementos do cotidiano do enunciador e registros pessoais de escrita. Os enunciados ressonariam, então, o efeito de poder da internet, baseado

na liberdade de expressão do indivíduo (Komesu, 2005) e na exibição mais frequente de elementos da esfera privada nos blogs.

O falar de si ajuda a constituir a função-sujeito de Cientista-blogueiro-protagonista, marcado por estratégias enunciativas de envolvimento do enunciador com o seu enunciado. Dos subgêneros categorizados, vemos que o falar de si aparece mais marcado em posts de diário, que tomam o enunciador como objeto de narração (Gomes; Flores, 2016). O exercício de escrita sobre a sua rotina implicaria uma reflexão do cientista-blogueiro sobre as situações e circunstâncias narradas, produzindo uma discursividade reflexiva. Vejamos, no Exemplo 1, como ocorre esse processo:

[Exemplo 1]: *Eu cuidei* do experimento dos outros como se fosse *meu*. Mas *eu nunca tive* a chance de *ver um experimento morrer*. Até agora. O *meu novo filho* tem data para morrer. Dez de fevereiro. Daqui a uma semana. Uma. Semana. Pode parecer loucura, mas *hoje eu estou triste*. Porque é como conviver com alguém que tem data marcada pra morrer. Dia e hora. Condenado à morte. E *eu vou ser* aquele a quem o experimento vai dizer suas últimas palavras, oferecer seus últimos resultados, dar seu último suspiro. E isso é triste pra caramba. *Eu nunca pensei* que fosse assim. *Sempre pensei*: desliga, chega, acabou, vamos fazer outra coisa. Mas agora que isso é concreto... *é angustiante*. Semana que vem, depois que *eu rodar* a última sequência experimental, obtiver o último dado e, finalmente, desligar os equipamentos pela última vez, *eu vou fazer* um minuto de silêncio pelo meu experimento<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> HENN, E. Vida e morte de um experimento. *Caderno de Laboratório*. 2 fev. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/EdYLuP>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

No trecho, o enunciador coloca-se como objeto do seu enunciado ao narrar suas relações com seus experimentos, implicando-se subjetivamente no seu discurso. Essa implicação, constituída pelo uso da primeira pessoa do singular (marcados em negrito no trecho) e pela expressão de estados de humor do enunciador (“hoje eu estou triste”, “é angustiante”) produz efeitos de sentido que mesclam as instâncias do cientista e do objeto de pesquisa, entrelaçadas por meio de uma relação emotiva. Essa relação é reiterada pelo tratamento dado pelo enunciador ao seu experimento científico, personificando-o (“ver um experimento morrer”, “meu novo filho”, “é como conviver com alguém que tem data marcada pra morrer”).

A recorrência à esfera emotiva, assinalada no Exemplo 1, e o escrever sobre si interligam os enunciados do falar de si nos blogs à sua memória discursiva, aos discursos de diário pessoal e dos blogs pessoais. Nos dois casos, os enunciados se moldam pela expressão de si que ganha, por vezes, contornos de reflexão ou de desabafo. No Exemplo 2, a própria *hashtag* utilizada pelo blogueiro para

classificar seu post (#DivãDaPós) já orienta o dizer do blog como um lugar de desabafo sobre a vida acadêmica:

[Exemplo 2]: O blog está parado há pouco mais de um mês, e isso se deve a um experimento gigantesco do *meu mestrado* e de uma outra colega de laboratório que foi realizado na 5ª e na 6ª da semana passada (dias 15 e 16 de março). E quando eu falo que é um experimento gigantesco, acreditem. *É tão grande que quando a gente foi realizá-lo, praticamente interdítamos o laboratório* – porque a gente precisa tanto de muita mão de obra quanto de material e equipamentos. Na quinta-feira, o experimento começou às 7h30 e terminou às 20h – eu o estendi até as 22h pra terminar dois ciclos de centrifugação – e na 6ª *conseguimos terminar* às 18h. **O melhor de tudo foi o chefe ter me pedido para tabular todos os dados, montar os gráficos e fazer análise estatística de tudo para a segunda-feira seguinte**<sup>7</sup>!

<sup>7</sup> ELIAN, S. Em busca da estatística perfeita #DivãDaPós. *Meio de cultura*. 20 mar. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/sGL347>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

Os Exemplos 1 e 2 pertencem à subcategoria de Diário e constituem um falar de si por implicar um olhar sobre o sujeito-cientista e sua prática cotidiana. Há uma imbricação entre o posicionamento do enunciador e a textualização de suas atividades profissionais. As construções discursivas destes enunciados relacionam a prática diária e o modo de pensamento do enunciador à posição de cientista, em fragmentos de textos em que ele assume ou questiona sua prática profissional.

O *falar da instituição científica* aparece como segunda modalidade enunciativa da FD da reflexividade nos blogs. Ela forma-se por meio de um deslocamento dessa FD, que passa a produzir objetos discursivos e funções-sujeito distintos da modalidade enunciativa do falar de si. Aqui, em vez de se mostrar como personagem da narrativa, o enunciador posiciona a instituição e o sistema científico como objeto do seu discurso, passando a demarcar sua opinião e suas reflexões sobre esse tema. Essa configuração aparece em textos das subcategorias Agenda/mural e Crítica, sendo que neste último o enunciador assume o papel de sujeito institucional que critica o funcionamento do sistema científico (Gomes; Flores, 2016). Vejamos no Exemplo 3:

[Exemplo 3]: Todo mundo imagina – corretamente – que laboratórios de pesquisa sejam recheados de equipamentos caros, complexos e quase mágicos. Em quase 100% dos casos isso é verdade e implica outra característica: são importados. Daí, além de toda a complicação para se conseguir o dinheiro da compra, a importação e o recebimento da dita cuja, temos a mãe de todo o Mal: a Burocracia [...] A Dona Burocra (apelido carinhoso dado por um grande amigo e adotado por muitos com quem trabalho) faz de tudo para te pegar. Seja falta de espaço no laboratório, briga entre departamentos para decidir quem vai “sedar” a novidade,

<sup>8</sup> CUNHA, G. Burocracia eterna das trevas. *Rna-m*. 10 fev. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/ZS2w5J>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

entraves de patrimoniamto [sic] institucional, etc. Podem escolher à vontade que o cardápio é extenso<sup>8</sup>.

No Exemplo 3, percebemos que o sujeito dos enunciados que narrativiza a ele próprio cede espaço para um sujeito-cientista que coloca a estrutura científica como centro do enunciado, criticando as práticas burocráticas presentes nas universidades e nos centros de pesquisa. Isso aparece marcado, no texto, pela ausência de partículas pessoais (o enunciadador não se mostra explicitamente no seu enunciado). Ainda assim, essa modalidade enunciativa implica o enunciadador no seu discurso, colocando-o na posição de sujeito que apenas critica o sistema científico porque conhece suas falhas, dinâmicas etc. Essa implicação permite nos referirmos a esses enunciados como inscritos na FD da reflexividade, pois é no ato de discursivizar suas opiniões que o cientista reflete sobre o seu mundo profissional.

A princípio, descrever de onde vêm os dizeres que esses enunciados atualizam parece uma tarefa difícil, já que esses já-ditos se constituem num espaço informal do cotidiano, entrecruzado por práticas discursivas e discursos diversos. Notamos, sobretudo, que o falar sobre o sistema científico é objeto das conversas informais entre cientistas, nas quais se compartilham as insatisfações e expectativas desses indivíduos em relação ao sistema científico. A textualização de opiniões, no entanto, também remete ao discurso de blogagem e à figura do enunciadador blogueiro como um comentarista de determinada temática. De outro modo, essa modalidade enunciativa resgata outros discursos, como o discurso panfletário, na sua configuração mais polêmica e opinativa.

Nesses enunciados, temos a constituição de uma função-sujeito de *Cientista-blogueiro-comentador*, que marca o seu protagonismo no texto a partir da inserção de suas opiniões. Essas últimas assumem diversas configurações a depender do tom e dos registros dos textos. Em todos os casos, o que se faz é textualizar percepções do blogueiro enunciadador sobre as atividades científicas e seu ambiente profissional. Trazemos outro exemplo:

[Exemplo 4]: *Infelizmente* esse quadrinho mostra uma realidade nos cursos de psicologia. Vemos alguns autores que escrevem muito sobre nada e acabam sendo reverenciados, como se ser mais complexo o fizesse ser mais verdadeiro. *Acredito* que o que falta é conhecimento da ciência em geral: um dos objetivos da ciência é explicar como as coisas funcionam (ou por que as pessoas fazem as coisas que elas fazem) buscando regularidades. [...] a ciência do comportamento simplifica estes fenômenos explicando-os em leis que nos facilitam a compreender e agir sobre as pessoas<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> PAMINONDAS, F. Teorias na psicologia: quanto mais complexas melhor. *Psicológico*. 16 maio 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/wwEqpw>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

Como podemos observar, a característica central dos enunciados dessa modalidade enunciativa é a de construir um lugar de enunciação de sujeito conhecedor das práticas científicas, da ciência, da realidade dos cursos de psicologia (Exemplo 4) e que, por isso, tece opiniões sobre o assunto (utilizando expressões da esfera da opinião, como “infelizmente” e “acredito”). A simples textualização desses comentários sobre a vida acadêmica constituem-se num processo de autoconhecimento do cientista-blogueiro, que passa a definir, explicar e justificar de forma mais clara – para si e também para os seus leitores – quais as suas opiniões e tomadas de posição em relação aos temas propostos.

A terceira modalidade enunciativa da FD da reflexividade refere-se ao *falar da ciência*. Nela, o sujeito enunciadador instaura a ciência e seus produtos como objeto discursivo. Aqui, a FD sofre mais um deslocamento, passando da narração do cotidiano e dos registros opinativos das modalidades de falar de si e falar da instituição científica para registros informativos. Essa configuração faz que esses enunciados tenham relação com enunciados do DDC, também inscritos na FD da reflexividade.

Antes de trazermos exemplos sobre essa configuração discursiva específica, cabe fazermos algumas observações sobre o fato da divulgação científica estar implicada na FD da reflexividade. Segundo Jurdant (2006b), antes de ser assentadas no discurso corrente de compartilhamento de saberes para leigos, as práticas de DC seriam provenientes de uma necessidade reflexiva que se faria sentir tanto na consciência do cientista quanto no funcionamento das sociedades científicas. O pesquisador aponta que essa demanda se daria por uma ausência histórica de reflexividade nas atividades científicas, que não instigam o cientista a refletir sobre a sua maneira de enxergar a realidade. Esse processo é completado pelo uso da linguagem operada pela ciência, que opera uma escamoteação sistemática da enunciação (Jurdant, 2006a, 2006b). Trata-se do uso de uma escrita que impõe um distanciamento entre a enunciação e o enunciado, ao fazer referência apenas ao último. Produz-se, então, uma escrita sem sujeito e sem traços reflexivos.

O DDC trabalharia a reflexividade das ciências a partir da sua submissão às exigências reflexivas da fala, dinâmica explicada por Jurdant (2006b: 55) no seguinte trecho:

Se é verdade que a língua proporciona a experiência da reflexividade somente em sua dimensão oral, e se é verdade que as comunidades científicas ressentem-se dessa exigência em nome da necessidade de sua integração sociocultural, então poderemos compreender que a divulgação tenha surgido como um mecanismo de “apropriação oral” da Ciência, a qual, não devemos esquecer, é desde o início,

e antes de tudo, escrita. A divulgação teria, assim, como objetivo essencial “fazer falar” a Ciência, o que implica, ao mesmo tempo, sua integração na língua comum e o privilégio que ela concede à relação entre ciência e realidade, entre as palavras e as coisas.

A partir da construção de narrativas que se assemelham, muitas vezes, à dinâmica oral de diálogos e explicitação das situações de enunciação do enunciado, a DC teria como um dos seus papéis primordiais a textualização da ciência, integrando-a à realidade por meio da mediação com a língua do senso comum, do discurso cotidiano.

Apesar de se inscreverem no universo dos DDC – a partir da instauração da ciência e de seus produtos como objeto do seu discurso – os enunciados dos blogs escritos por pesquisadores possuem particularidades em relação a outros enunciados e discursos de DC. Estes aparecem principalmente quando percebemos que as diferenças institucionais entre o Discurso de Blogagem e o DDC constroem seus enunciados de forma diferente, individualizando-os. Os enunciados dos blogs escritos por pesquisadores seriam, por exemplo, constituídos por uma mistura de discursos além do discurso de DC, como discursos de si, humorístico, publicitário, entre outros (Cortes, 2015). Essas particularidades aparecem na forma como o enunciatador mostra-se no texto, deslocando-se para uma relação de proximidade entre ele e o que é enunciado (Exemplo 5):

**[Exemplo 5]:** E quando *eu falo* em sistema imune, *you já pensa* logo em anticorpos, linfócitos, imunoglobulinas... mas não, esses animais são muito anteriores ao sistema imune adaptativo dos mamíferos. Eles possuem sistema imune inato. E que se resume a, e essa foi uma das nossas descobertas, *um tipo de célula apenas! Só que essas bichinhas são sinistras!* Fagocitam bactérias, metralham elas com espécies reativas de oxigênio e, para garantir que elas não apareçam mais, disparam peptídeos antimicrobianos dos seus grânulos na hemolinfa do bicho<sup>10</sup>.

No trecho, a utilização da primeira pessoa e de exclamações e comentários pessoais (“um tipo de célula apenas!”, “Só que essas bichinhas são sinistras!”) produzem efeitos de sentido de envolvimento do cientista-blogueiro com o seu enunciado e a pesquisa científica narrada. Esses enunciados escorregam para outras esferas além dos discursos de DC e da ciência, como o discurso do cotidiano, assemelhando-se, por exemplo, a uma conversa informal entre amigos sobre a pesquisa relatada.

A modalidade de enunciação do falar da ciência assume duas configurações distintas nos blogs: o falar de sua pesquisa científica – próprio da DC

<sup>10</sup> REBELO, M. O “mainframe” da vida. *Você que é Biólogo...* 2 mar. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/34p69d>>. Acesso em: 13 nov. 2015.



praticada por cientistas – e o de falar sobre a pesquisa científica dos outros, em que o sujeito enunciatador atua como um crítico e comentador do seu universo científico. O primeiro caso, de falar de sua pesquisa, aparece de forma reduzida nos blogs, em apenas alguns posts analisados, ou seja, são exceções diante de outras formas discursivas observadas. Nos dois casos, o ato de posicionar a ciência sob suas reflexões e julgamentos – os quais aparecem marcados por meio de comentários, nos textos – restituem ao cientista a sua reflexividade, pois permitem a ele refletir sobre os produtos científicos gerados na sua área, nas suas consequências e na sua validação científica e social.

Assim como na modalidade de falar da instituição científica, a função-sujeito construída pela modalidade de falar da ciência molda um *Cientista-blogueiro-comentador*. Nesse caso, antes de serem registros polêmicos, o que se tem é uma presença mais branda desse sujeito nos enunciados, que comenta sobre as pesquisas científicas ao mesmo tempo em que as divulga. Esses enunciados são constantemente atravessados por registros opinativos e marcas do seu enunciatador, o que pode ser observado no Exemplo 6:

[Exemplo 6]: Nós humanos, *sempre nos achando muito especiais*, acreditávamos que tínhamos aproximadamente 100 bilhões de neurônios em nosso cérebro. No entanto, uma nova pesquisa liderada por Suzana Herculano-Houzel acabou de diminuir este número para 86 bilhões. 14 bilhões de neurônios a menos *pode parecer pouco*, mas é o equivalente ao cérebro de um babuíno. Na verdade, esta diminuição *não quer dizer que estejamos “mais burros”*. (...) *O que realmente importa é a complexidade do cérebro e a forma como estas células interagem. Saber que nós humanos somos capazes de fazer tanta coisa como ir até a Lua com 14 bilhões de neurônios a menos do que acreditávamos ter me faz sentir ainda mais inteligente*<sup>11</sup>!

No exemplo, as marcas opinativas e de expressão de opinião do enunciatador, destacadas em *italico*, vinculam esses enunciados ao discurso do cotidiano que atravessa e constitui o discurso da blogagem. Essas estruturas se mesclam a enunciados de registros informativos (“uma nova pesquisa liderada por Suzana Herculano-Houzel”), os quais remetem ao universo da notícia de DC e aos discursos de DC. Essa mistura de elementos só se faz possível devido às condições enunciativas dos blogs, suas modalidades de enunciação e seus sistemas de formação que possibilitam a confluência de diversas matrizes discursivas, colocando-os em contato em um universo informal.

<sup>11</sup> EPAMINONDAS, F. Cérebro humano perde bilhões de neurônios em nova análise. *Psicológico*. 3 mar. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/LF6ZUQ>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

**ALÉM DO MOSTRAR, O ESCONDER: AS RESTRIÇÕES DO DIZER**

Investigar as FD que compõem a materialidade dos blogs significa, também, abordar os não ditos, elementos que jamais se transformarão em dizeres formulados e enunciados, ou seja, jamais passarão à ordem do discurso. Isso porque, ao selecionar o que pode ser dito, a FD também acaba por circunscrever o que é excluído do seu dizer. Esse sistema funcionaria, então, por meio do princípio da raridade dos discursos, que coloca acento sobre o fato dos enunciados e formações discursivas serem os únicos conjuntos significantes que puderam ser enunciados (Foucault, 1969). O discurso se formaria nesse movimento de escolha do que ele constitui como enunciado e de exclusão do que não pode ser enunciado.

Nos blogs, a conformação à FD da reflexividade implica certas restrições discursivas e silenciamentos. Observamos, sobretudo, que ao conformar determinadas maneiras de falar da ciência e da instituição científica – centrando-se em uma versão específica de ciência, de cientista e de comunidade científica – a discursividade dos blogs apaga as disputas sociais e ambiguidades teóricas do campo científico, não abordando as discussões em torno do que é ciência e seus processos de construção, muito menos os conflitos acadêmicos que definem as lógicas deste campo.

O não publicável nestas discursividades encarna-se na figura da *pseudo-ciência* cujas informações sobre fatos científicos não são fundamentadas pela aplicação de métodos científicos. Esse simulacro pretende se fazer crer como ciência e, muitas vezes, é reforçado e disseminado socialmente pelos jornalistas científicos e outros atores sociais que possuem pouco conhecimento sobre as lógicas do método científico. O processo de enfrentamento da representação discursiva da pseudociência se dá pela introdução do cientista como enunciatador mais qualificado para falar sobre o tema, o que, conseqüentemente, demarca o objeto discursivo do qual se fala – a ciência propriamente dita – e o espaço de interação destinado ao leitor do blog.

A posição ocupada pelo cientista-blogueiro é a de porta-voz da ciência (Cortes, 2015) cuja função é a de interpretar a ciência para um público considerado leigo e analfabeto científico. Essa posição desdobra-se, segundo Cortes (2015), nas posições-sujeito de guardião da ciência, de alfabetizador de ciência e controlador da leitura e mostra seu poder de fala mesmo em espaços destinados à participação do público leitor, como nos comentários.

A posição-sujeito de guardião da ciência aparece, por exemplo, no post do blog *Rainha Vermelha* intitulado *Aos cientistas e professores formados e em formação: cabe a nós falar de ciência*<sup>12</sup>. O texto valoriza o trabalho dos cientistas-blogueiros na produção e disseminação de “conteúdo científico de qualidade, isentos de ideologias que distorcem o conhecimento”, colocando-se em

<sup>12</sup> O post está disponível em:  
<<https://goo.gl/ZB9gvx>>.  
Acesso em: 7 mar. 2015.

oposição a outros conteúdos da internet motivados “por incentivos financeiros ou político-religiosos, como ‘curas alternativas’ ou negacionistas do clima”. Ao mostrar a “verdadeira ciência” ao seu leitor, o enunciador acaba por reiterar as demarcações explícitas entre a posição de cientista e de leigo, divisão típica do discurso tradicional de divulgação científica.

A ciência é representada, no discurso dos blogs, como um produto acabado, apagando enunciados que tratem do processo científico. Nos momentos pontuais em que o enunciador divulga as suas pesquisas, os trabalhos relatados já se encontram finalizados e publicados em revistas científicas. Quando escapa desta regra e relata trabalhos em andamento, como é o caso do blog *Você que é Biólogo...*, o enunciador fornece apenas poucas informações sobre sua pesquisa científica, sem discutir ou explicitar o seu processo de construção. Falamos, aqui, especificamente, da iniciativa de *crowdfunding* científico promovido pelo blogueiro, que incitou seus leitores a financiarem o projeto de pesquisa desenvolvido por seu grupo de pesquisa sobre mexilhões dourados<sup>13</sup>. Apesar da participação de não cientistas no projeto e da explicitação do objeto de pesquisa, os processos de pesquisa e os resultados desenvolvidos a partir desta fase inicial não foram divulgados posteriormente no blog. Esses elementos incitam-nos a pensar que os enunciados dos blogs são balizados pelos regimes de restrições do dizer do campo científico, já que, para entrar na ordem do discurso dos blogs, é preciso que o estudo tenha sido aprovado pelas esferas de legitimação discursiva do campo.

Vemos, então, operar uma espécie de naturalização do que é ciência, atividade que passa a ser defendida pelo cientista-blogueiro. Esse sujeito dificilmente se engaja numa problematização desse conceito, tratando a ciência como uma estrutura ligada ao desvendamento de fatos científicos em vez de ser uma construção historicamente determinada. Pela sua posição social de cientista, o blogueiro possuiria, naturalmente, lentes para identificar e separar a ciência da pseudociência. Em nenhum momento coloca-se essa capacidade em cheque ou aborda-se o fato de que essas lentes são constituídas dentro de comunidades de práticas específicas, que se transformariam de acordo com os paradigmas científicos em voga em determinada área científica ou período histórico. Deixa-se de fora, assim, todo um aspecto das discussões sobre a construção dos conhecimentos científicos e das separações entre ciência e não ciência operadas pela ciência moderna (Santos, 2006).

A discursivização da ciência como um produto faz que os leitores acessem apenas um simulacro de ciência e não o conhecimento científico propriamente dito. Esse tipo de divulgação científica, que se assentaria sobre “informações vazias, notícias, slogans e comentários vagos sobre os fatos que circundam o mundo da ciência”, posicionaria o público na posição de mero consumidor de

<sup>13</sup> Divulgado em abril de 2013 por meio de site, de página no Facebook e de posts no blog, o projeto teve mais de 350 doadores e conseguiu arrecadar mais de R\$40.000 em 60 dias. A iniciativa foi a primeira experiência brasileira de *crowdfunding científico* e foi divulgada também em jornais e revistas de grande circulação, como os jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* e as revistas *Ciência Hoje*, *Galileu* e *Superinteressante*. O post no blog *Você que é Biólogo...* sobre o *crowdfunding* está disponível em: <<https://goo.gl/w5wiQR>>. Acesso em: 29 nov. 2017. E também disponível em: <<https://goo.gl/UwD12p>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

informações e não ofereceria a ele “a condição de se relacionar com a ciência de forma crítica e participativa” (Cortes, 2015: 238).

Essa configuração reforçaria o que Lévy-Leblond (2008) entende ser a própria lógica da divulgação científica, que trata a atividade como mera questão de compreensão de conhecimento em vez de abordar sua dimensão política e a partilha de poder implicada nos processos de democratização da ciência. Desenvolve-se, então, uma visão acrítica da atividade que não problematiza o poder de fala outorgado aos sujeitos que conhecem o mundo da ciência e negado ao público leigo.

A positividade dos discursos dos blogs reforça valores sobre ciência como uma atividade que gera produtos e conhecimentos de interesse público e que, por isso, merece ser disseminada à sociedade. A máxima do interesse público perpassa a imagem da comunidade científica construída por esses discursos, como um grupo de pessoas comprometidas com o empreendimento coletivo de se fazer ciência, numa lógica colaborativa de construção do conhecimento científico. Ao mesmo tempo em que reforça valores sociais do cientista como a humildade, a curiosidade e o desinteresse, essa positividade deixa escapar as disputas de poder existentes na comunidade científica, que se constitui também pelas lutas simbólicas por capital científico entre seus atores. Excluem-se enunciados sobre inimizades, conflitos acadêmicos e autorais que, por vezes, fazem-se tão presentes nas relações entre os cientistas.

Ao escolher por excluir de seus enunciados os conflitos acadêmicos, as discursividades dos blogs produzem a imagem da comunidade científica como um espaço regido por ideais de universalismo, comunismo e desinteresse. Tem-se, então, a ideia de que o cientista coopera com seus colegas na produção de conhecimento científico e tem como único objetivo o progresso da ciência, apagando aspectos relacionados ao interesse individual desse sujeito e as disputas por legitimação entre os agentes do campo. A nosso ver, essa construção discursiva fortalece a comunidade científica diante de outros atores sociais, no momento em que legitima os cientistas como responsáveis por produzir um bem coletivo. Esse processo de legitimação seria posto em cheque caso se mostrassem as rachaduras do sistema científico, como os interesses pessoais que também regem esses atores sociais ou mesmo o clima de disputa e competição que, por vezes, prevalece nos laboratórios científicos.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, buscamos compreender a lógica de constituição dos discursos dos blogs de divulgação científica escritos por cientistas. Por meio de um gesto interpretativo, explicitamos os enunciados destes espaços como regidos pela

mesma regra de formação, denominada de FD de reflexividade. Há, assim, a reiteração/modificação de posições enunciativas – de Cientista-protagonista para Cientista-comentador e divulgador –, de objetos discursivos e de modalidades enunciativas de falar sobre si, falar sobre a instituição científica e falar sobre a ciência e seus produtos. É no entremeio entre os universos dos discursos de DC e de blogagem que se produzem sentidos variados.

A construção do *self* do cientista conforma-se por meio do estabelecimento de uma posição enunciativa de sujeito legitimado para falar sobre ciência. As estratégias de envolvimento do enunciador com o seu enunciado predominam, seja por meio da narrativa do seu cotidiano de pesquisa, seja por meio da inserção das suas opiniões e reflexões sobre o funcionamento do sistema científico. Vemos essa posição de envolvimento mesmo em posts centrados na divulgação da ciência e de seus produtos. Aqui, o uso de registros informativos mescla-se com uma narrativa envolvente e coloquial sobre o universo científico. A inserção de fragmentos emotivos e personalismos no discurso de divulgação científica faz que esses enunciados sejam singulares em relação a outros enunciados do campo cujas marcas formais tendem a um apagamento do enunciador. Mostra-se, de certo modo, que as formas de se falar sobre ciência não precisam estar necessariamente vinculadas a registros formais de afastamento enunciativo.

Outro elemento interessante de ser pontuado consiste na forma como os fragmentos emotivos e opinativos transbordam para os discursos sobre as práticas científicas. Enunciados circulantes nas esferas informais da prática de pesquisa são textualizados nos blogs ganhando forma em posts em que o cientista-blogueiro se coloca como crítico e comentador das suas práticas, das práticas dos colegas e do sistema científico. Esse processo reflexivo instalado nessa materialidade ainda ocorre de maneira pontual, o que pode ser notado pelas restrições discursivas presentes nos blogs. Os cientistas-blogueiros não refletem sobre a natureza da ciência que produzem, excluindo da sua pauta discussões mais amplas sobre a epistemologia científica. A naturalização da ciência parece servir como um mecanismo de reforço da posição enunciativa do blogueiro, na medida em que não abre espaço para ambiguidades em torno do valor da ciência e do cientista.

Podemos inserir a reflexividade dos blogs na esfera da promoção de si do cientista, já que não implica a proposição de discussões/debates ou reformulações discursivas. Ela atua na consolidação de uma imagem específica de ciência e de cientista cujos elementos condizem com as imagens conformadas pela comunidade científica em outros espaços. Elementos discursivos dessa comunidade perpetuam-se nestes discursos, como a separação entre ciência e não ciência e a posição do cientista como sujeito legitimado para divulgar ciência.

O cientista-blogueiro mantém, então, o controle social sobre o discurso sobre ciência, reiterando sua posição diante de outros atores sociais. ■

## REFERÊNCIAS

- ALLARD, L. Pragmatique de l'internet mobile: technologies de soci et culture du transfert. In: DERVIN, F.; ABBAS, Y. (Orgs.). *Technologies numériques du soi et (co-) constructions identitaires*. Paris: L'Harmattan, 2009. p. 60-74.
- CORTES, G. R. O. *Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica*. 2015. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- FAGUNDES, V. O. *Blogs de ciência: comunicação, participação e as rachaduras na Torre de Marfim*. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- FOUCAULT, M. *L'arquéologie du savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 1969.
- \_\_\_\_\_. *L'ordre du discours*. Paris: Éditions Gallimard, 1971.
- GIDDENS, A. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press; Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Modernity and self-identity*. Califórnia: Stanford University Press, 1991.
- GOMES, I.; FLORES, N. Categorização de blogs escritos por cientistas: uma proposta. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22090>.
- JURDANT, B. *Ecriture, réflexivité, scientificité*. *Sciences de la Société*, Toulouse, v. 67, p. 131-143, 2006a.
- \_\_\_\_\_. Falar ciência? In: VOGT, C. (Org.). *Cultura científica: desafios*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2006b. p. 44-55.
- KOMESU, F. C. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. 2005. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- LÉVY-LEBLOND, J. (Re) mettre la science en culture: de la crise épistemologique à l'exigence éthique. *Courrier de l'environnement de l'INRA*, Toulouse, v. 56, p. 7-16, dez. 2008.
- MAINGUENEAU, D. Formação discursiva, unidades tópicas e não-tópicas. In: BARONAS, R. L. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 63-91.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, M.; HAROCHE, C.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. In: BARONAS, R. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 13-32.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2006.

---

Artigo recebido em 18 de junho de 2017 e aprovado em 9 de outubro de 2017.